ATRAÇÃO E RESTRIÇÃO NO *SLOT* VERBAL DAS CONSTRUÇÕES QUALIFICADORAS [V (UMA) DE X]

Amanda Santos Gomes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1413-4301
Endereço eletrônico: amandasantosgomesba@gmail.com

Valéria Viana Sousa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8243-9281
Endereço eletrônico: valeria.viana.sousa@uesb.edu.br

Palavras-chave: Integração; construções qualificadoras; compatibilidade.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa em andamento, juntamo-nos às correntes linguísticas que defendem a indissociabilidade entre língua, cognição e os contextos socioculturais nos quais os falantes a manifestam. Para nós, as propostas de dissociação desses vínculos conduzem a análises parciais do objeto linguístico, uma vez que se distanciam da natureza dinâmica das interações contemporâneas e nos privam de compreender a (des)ordem que lhes é constitutiva. Em direção oposta, aproximamo-nos do reconhecimento de que o que existe de observável e concreto são as produções situadas dos falantes que, em situações reais de comunicação, mobilizam recursos disponíveis e fazem emergir, desse uso, diferentes possibilidades de (des)organização e funcionamento linguístico.

O uso das construções qualificadoras [V (uma) de X] é representativo dessas inovações. Sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Gramática de Construções (GC) – perspectivas aqui também adotadas –, Gomes (2021) observa que, a partir de um esquema já existente no *constructicon*, o falante ressignifica os elementos nele licenciados e, a partir disso, estabelece diferentes dinâmicas de uso. Comparemos, por exemplo, os seguintes casos: (1) “Tava vendo umas camisetas que chegaram aqui na loja,

queria **dar uma de cada** pro meu futuro 'namorado'" (Rede X, 2026); (2) "Aliás, confirmando-se a vitória do Lula [...] só me restará **dar uma de Galvão Bueno** bem loko berrando pela cidade 'É TETRA! É TETRA! [...]" (Rede X, 2026). Note-se que, embora tenhamos a repetição do esquema composto por verbo, artigo indefinido *uma*, preposição *de* e complemento, o padrão construcional instanciado é distinto. O sentido resultante do pareamento entre forma e função em (1) relaciona-se ao sentido mais prototípico do verbo *dar*: alguém dá algo a alguém. Em (2), no entanto, o verbo *dar* instaura um sentido relacionado a "agir como", "comportar-se como" ou "assumir características de". Diferentemente do preenchimento do *slot* X em (1), cujo sentido se relaciona à ideia de quantificação e distribuição, o *slot* X em (2) é preenchido pelo nome Galvão Bueno. Nesse segundo caso, o sentido da construção é apreendido a partir do todo, uma vez que evoca características e ações associadas à figura citada.

Interessados na (des)ordem observada em usos como esses em (2), elegemos as construções qualificadoras como nosso objeto de estudo. Percebemos que elas são utilizadas para qualificar ou categorizar algo ou alguém e indicar que um sujeito camufla aquilo que de fato é ou finge ser aquilo que não é. De modo geral, entendemos que há um tensionamento decorrente da ampliação dos sentidos instanciados pelos elementos cooptados nos *slots* V e X e que elas são acionadas quando há o interesse comunicativo de tecer avaliações e julgamentos, isto é, de qualificar. Por ora, focaremos na natureza dos elementos licenciados para o preenchimento do *slot* V, com o objetivo de responder ao seguinte questionamento: quais verbos são atraídos ou repelidos por esse *slot* e por quais razões?

Quanto à justificativa, acreditamos que essas construções nos permitirão operar com duas particularidades da língua: a habilidade de ressignificação e a criação linguística por parte dos interlocutores. Em termos teóricos, nossa escolha pauta-se no fato de que as construções qualificadoras: (i) evidenciam o pareamento entre forma e função, conforme preconiza a GC; (ii) constituem um padrão recorrente em diversos textos; (iii) são empregadas por distintos perfis de falantes; e (iv) representam um fenômeno de variação construcional.

METODOLOGIA

Coletamos os dados deste estudo na rede social X por meio da ferramenta de busca da própria plataforma. Como as construções qualificadoras envolvem o posicionamento do

falante, consideramos esse um espaço bastante produtivo para a observação de seus usos, uma vez que fomenta a expressão de avaliações, opiniões e julgamentos.

Esta pesquisa é primariamente de natureza teórica e bibliográfica, articulada à análise qualitativa dos dados. Assim, na primeira etapa, realizamos a coleta de ocorrências a partir da testagem de diferentes verbos passíveis de integrar o *slot* V, considerando o sentido global da construção, conforme sugere Gomes (2021). Paralelamente, pautamos a busca na intuição linguística e na observação atenta de verbos mais gramaticalizados, verificando a ocorrência ou não de usos testados. Na segunda etapa, procedemos à interpretação dos dados, observando as características que evidenciam similaridades entre os verbos que se mostram compatíveis com o preenchimento do *slot* V.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos pressupostos da LFCU e da GC, entendemos que os usos da língua não são desordenados. Nessa perspectiva, a aparente desordem e desorganização se esvaziam, pois reconhecemos que as construções se organizam em redes hierárquicas e que as combinações delas resultantes, isto é, os usos, são orientadas por princípios que podem restringir ou possibilitar as inovações. Desse modo, compreendemos que há um equilíbrio entre a liberdade linguística do falante para (des)organizar os elementos da língua e as dinâmicas de compatibilidade que condicionam as possibilidades de combinação entre esses elementos.

A rede corresponde, nesse caso, à organização e à categorização das construções. Assim, "cada construção constitui um nó na rede taxonômica" (Croft, 2001, p. 25). A inserção de uma nova construção nessa rede não ocorre de maneira aleatória; ao contrário, orienta-se pelas compatibilidades estabelecidas pela construção à qual ela se vincula. Para a análise aqui proposta, interessa-nos o primeiro caso. Assim, passemos aos dados:

1. "Fácil se sair de coitadinho na história, **fingindo uma de menino de ouro** com essa cara de sonso". (Rede X, 2026)
2. "Este casal está com problemas em casa e necessitou de vir ao palco **encenar uma de paz e amor**?" (Rede X, 2026)
3. "Hj é dia de **dar uma de cozinheiro** começando cm o lanchinho mais de senhorinha que tem Bolinho de chuva". (Rede X, 2026)
4. "Vocês passam vergonha infinita querendo **pagar uma de teólogo** pra cima de quem,

de fato, já está nesse mundo a muito tempo." (Rede X, 2026)

Conforme podemos observar, há diferentes possibilidades de integração do *slot* V da construção qualificadora [V (uma) de X]. Embora os verbos utilizados variem, não se trata de uma combinação acidental, mas de uma organização regular. Em todos os casos, os verbos empregados, quando acoplados à construção, passam a compartilhar a ideia de evocação de ações associadas à performance, simulação ou encenação. Em outras palavras, há uma qualificação realizada pelo falante em relação ao interlocutor, e essa qualificação implica uma avaliação e julgamento.

Inclusive, parece-nos haver uma dinâmica de *continuum*, uma vez que podem ocorrer verbos cujo significado já se aproxima do sentido global da construção (como encenar e fingir), ao passo que outros, em seus usos mais prototípicos, mostram-se mais distantes desse domínio. Nesses casos, observamos que os verbos mais atraídos a esse *slot* tendem a ter seus sentidos prototípicos rotinizados em outros contextos de uso e, ao se integrarem às qualificadoras, passam a operar com o sentido do todo, denotando a ideia de um "quase fingimento", no qual o objeto da qualificação é classificado como alguém/algo que assume provisoriamente um comportamento a partir de propósitos comunicativos específicos, sem que esse comportamento seja necessariamente reconhecido como legítimo. Nesse tensionamento, o grau de avaliação e julgamento pode se flexibilizar, como evidencia o uso em (4), em que a avaliação se mantém no nível da sinalização de uma prática não habitual.

Por outro lado, verbos que não manifestam a ideia de simulação, representação, "quase fingimento", encenação ou adoção temporária de papéis ou comportamentos tendem a ser menos compatíveis com o esquema e, portanto, não são a ele atraídos, mas restringidos. Isso ajuda a explicar, por exemplo, por que não encontramos no *corpus* investigado preenchimento com verbos como *capturar uma de X*, *apertar uma de X* ou *carregar uma de X*. Esses verbos tendem a designar ações mais concretas, sem estabelecer relação de qualificação. Nada disso, no entanto, impede que usos futuros possam modificar e (des)ordenar novamente essas regularidades, uma vez que tudo depende das mobilizações linguísticas realizadas pelos falantes ao longo do tempo.

CONCLUSÕES

Os resultados parciais demonstram que a natureza dos elementos cooptados para o preenchimento do *slot* V das construções qualificadoras [V (uma) de X] atrai verbos associados ao sentido global da construção e restringe/repele verbos de sentido mais concreto, incompatíveis com as exigências funcionais do esquema. A análise reforça que nenhuma dinâmica de uso é aleatória ou desprovida de regularidade; pelo contrário, evidencia padrões de seleção, combinação e organização característicos da rede da língua.

REFERÊNCIAS

CROFT, William. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GOMES, Amanda Santos. **Construções qualificadoras [V uma de X] no português brasileiro***:* uma análise centrada no uso. 2021. 101 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA, 2021.